

Os últimos embriões

A servidora pública Cristiane Coura, 48 anos, passou por 10 anos de espera antes de vivenciar a maternidade. Aos 29, ela e o marido, o servidor público Cláudio Sant'Ana, 51, pararam de usar métodos contraceptivos, resolveram se adiantar e fazer exames para conferir se estava tudo certo com a saúde reprodutiva.

Logo de início, descobriram que, por questões médicas dos dois, teriam dificuldade para engravidar naturalmente e, depois de seis meses de tentativas, decidiram partir para a inseminação por FIV. Tranquila, Cristiane tinha tanta certeza de que tudo daria certo, que resolveu viajar antes de iniciar o processo. Eles passaram quatro meses no Canadá e ela voltou ao Brasil com as malas cheias e um enxoval completo. "Achava que era igual novela, faz a FIV e pronto, ia engravidar e ter meu bebê."

A primeira tentativa não deu certo. Com os embriões congelados, frutos do primeiro ciclo, eles fizeram mais algumas, até que precisaram iniciar o segundo ciclo para criar novos embriões. Em cinco anos, foram cinco implantações que não resultaram em gestações. "Na quinta, eu fiquei arrasada, entrei em depressão e precisei parar, desabei. A chegada dos 35 anos me pegou, porque a gente sempre escuta que a partir disso é tudo mais difícil. Se dos 30 aos 35 eu não consegui, seria tudo pior porque até a qualidade dos óvulos cai."

Além do desgaste emocional e do medo de não conseguir realizar o sonho, tratamentos de fertilidade envolvem altas doses hormonais, injeções e o organismo também fica sobrecarregado. Ela precisava de uma pausa, mas não pensava, nem por um momento, em desistir da maternidade.

Cristiane, que nunca fez questão de passar pela gestação em si, conversou com o marido, que resistiu um pouco, mas logo aceitou partir para o plano C, a adoção. Por mais que fosse difícil para Cláudio, ele é espírita e sabia que o filho do casal chegaria, independentemente de ser pelo ventre de Cris ou não.

Na fila para a adoção, já desgastados, o casal enfrentou outro baque. No meio do processo, a lei de adoção mudou e eles precisavam recomeçar do zero. "Era uma luta por todos os caminhos, na FIV, na adoção. Em um determinado momento, Cláudio quis desistir de tudo, o que também abalou o nosso casamento, afinal, isso não era uma opção para mim."

Cristiane conta que desde muito nova, todos os



**Cristiane e os filhos:
uma longa espera**

que depois disso ele nunca mais tocaria no assunto comigo."

Na última tentativa, a gestação veio. E não foi somente um dos embriões, os dois se desenvolveram bem e Cristiane se viu grávida de gêmeos. A felicidade que sentiu é algo que ela não consegue colocar em palavras, mas, ao mesmo tempo, o receio por toda a espera e as questões de saúde que poderiam se apresentar, o casal não saiu da fila da adoção, apenas foi para o último lugar.

A gestação foi complicada, ela sofreu com pré-eclâmpsia e os bebês nasceram prematuros, com 33 semanas, além de enfrentarem uma série de problemas de saúde nos primeiros anos de vida. Mesmo com todas as dificuldades, ela diz que não faria nada diferente, e comemora não ter desistido. "Nada foi fácil, nem conceber, nem gestar

seus planejamentos de vida tinham um objetivo final: a maternidade. Ela queria encontrar um homem bacana para se casar, porque, assim, ele seria um bom pai para seus futuros filhos. Estudou para passar em um bom concurso público para atingir a estabilidade financeira que permitiria que ela cuidasse dos filhos com tranquilidade. "Tudo que fiz na vida foi em função desse sonho, então, quando me deparei com a possibilidade de não realizá-lo, fiquei muito perdida. Não me via sem ser mãe e não sabia o que fazer", revela.

Planos B e C

Na fila de adoção, o casal resolveu seguir, também, com a FIV. Foram mais três tentativas malsucedidas. Exausta, tanto física quanto emocionalmente, ela recebeu uma ligação do Tribunal de Justiça do DF: eles eram os terceiros na fila para adoção.

Nesse meio-tempo, Cristiane e Cláudio ainda tinham dois embriões congelados. O marido insistiu para que tentassem uma última vez. "Eu não queria, mas ele não queria que a gente desperdiçasse aquela chance dos últimos embriões. Eu disse que faria, mas

e muito menos o pós-parto, mas, hoje, meus filhos têm quase 10 anos, nasceram na véspera do meu aniversário e nos fazem infinitamente felizes", afirma.

Clara Coura Sant'Ana e Daniel Coura Sant'Ana, 9, nasceram quando Cristiane estava com 39 anos e depois dos perrengues enfrentados, o casal resolveu sair da fila de adoção. "Estávamos tão felizes com nossos dois bebês e percebemos que o ideal seria permitir que outras pessoas tivessem a oportunidade de viver esse amor por meio da adoção. Brasília tem uma fila muito grande", conta. E completa, rindo: "Além disso, eu já estava com 39, muito cansada e não daria conta de mais um".

Pensando no destino e na ideia de que ela tinha um plano para sua vida, mas Deus tinha outros, Cristiane lembra que, no início da jornada, quando fez o enxoval no Canadá, o preparou para gêmeos, comprou tudo em dobro, para um menino e para uma menina. Na ficha de adoção, sinalizou que aceitaria gêmeos e, por fim, durante os exames iniciais da gestação, questionava o médico, não acreditando que os dois embriões estavam se desenvolvendo bem. Ela mal acreditava que teria não apenas um, mas dois bebês tão sonhados.